

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 35 No. 1 Janeiro – Abril 2022
Edição Especial: Arqueologia em Quarentena

ARTIGO

QUATRO MÃOS E MUITAS VOZES: UM DIÁLOGO SOBRE INSISTÊNCIAS E [RE]EXISTÊNCIAS NA ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA BRASILEIRA

Gabrielle Reis Ferreira*, Isabella Alves Guimarães**

RESUMO

Este ensaio foi produzido a quatro mãos em meio a pandemia do covid-19 e carrega reflexões críticas-poéticas sobre essa trajetória marcada de aflições que atravessamos. O debate proposto é construído por um diálogo guiado pelas teorias arqueológica e antropológica feministas e descoloniais, pensando em como os desvios e as aprendizagens com as mais velhas associadas às nossas áreas em formação podem nos instrumentalizar a construir pontes de relação e resistência, nas insistências das vidas e das vozes.

Palavras-chave: arqueologia; diálogo; intimidade.

*Graduanda em Antropologia com linha de formação em Arqueologia- UFPel. Bolsista de Iniciação Científica CNPq. E-mail: bibilelis18@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9780-5352>.

**Graduanda em Antropologia Social e Cultural na UFPel. Bolsista de Iniciação Científica FAPERGS. E-mail: bellaaguimaraes@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1658-439X>.

DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v35i1.960>

FOUR HANDS AND MANY VOICES: A DIALOGUE ON INSISTENCES, EXISTENCES AND RESISTANCES IN BRAZILIAN ARCHEOLOGY AND ANTHROPOLOGY

ABSTRACT

This essay was produced by four hands, in the midst of the covid-19 pandemic and carries critical-poetic reflections on this trajectory marked by the afflictions we are going through. The proposed debate is built on a dialogue guided by feminist and decolonial archaeological and anthropological theories. Thinking about how deviations and learning from older women associated with our areas in formation, can equip us to build bridges of relationship and resistance, in the insistence of lives and voices.

Keywords: archaeology; dialogue; intimacy.

CUATRO MANOS Y MUCHAS VOCES: UN DIÁLOGO SOBRE INSISTENCIAS Y [RE]EXISTENCIAS EN LA ARQUEOLOGÍA Y LA ANTROPOLOGÍA BRASILEÑAS

RESUMEN

Este ensayo fue elaborado por cuatro manos, en medio de la pandemia del covid-19 y lleva a cabo reflexiones crítico-poéticas sobre la trayectoria marcada por las aflicciones que atravesamos. El debate propuesto se basa en un diálogo guiado por teorías arqueológicas y antropológicas feministas y decoloniales. Pensando en cómo las desviaciones y el aprendizaje de las mujeres mayores asociadas a nuestras áreas de formación, pueden equiparnos para construir puentes de relación y resistencia, en la insistencia de vidas y voces.

Palabras clave: arqueología; diálogo; intimidad.

*Ao pensar o ponto de partida desde a coalizão, porque o locus fraturado é comum a todos/as, é nas histórias de resistência na diferença colonial onde devemos residir, **aprendendo umas sobre as outras.***

(LUGONES, 2014, p. 14).

APRESENTAÇÃO

O intuito da criação deste ensaio surgiu de vários encontros com o foco em compartilhar a nossa escrita uma com a outra em meio ao caos mundano: mais uma entre tantas válvulas de escape que criamos para continuar a [re]existir em meio à pandemia. Por vezes escolhemos trabalhar, estudar e fazer comida em ligações de vídeo-chamada; pouco a pouco habitamos o cotidiano uma da outra, conhecendo as avós, as manias, os feitiços, os medos e os rituais de cura. Quando nos demos por conta, poderíamos escrever juntas, “porque construir entre nós requer colocar nossas vozes plurais em diálogo” (BONILLA *et al.*, 2018) e exercitar o que aprendemos com as autoras que nos guiam. Então, aqui estamos.

“me zumba la cabeza con lo contradictorio. Estoy norteada por todas las voces que me hablan simultáneamente.”

(ANZALDÚA, 2005, p. 704).

Nosso ponto de partida é o caminho trilhado por múltiplas inquietações, sentimentos e aprendizagens. Diálogo é uma ação de amor, é o tecer de novas pontes a partir de um *locus* fraturado, é a tentativa de compreensão da nossa situacionalidade sócio-histórica, das subjetividades corporificadas e responsabilidades (LUGONES, 2014; HARAWAY, 1995; hooks, 2018). O corpo e suas narrativas ganham novas dimensões quando compartilhadas pelo diálogo, amplia, retorce, enfraquece e deixa arriscada a presença-ação no mundo. O ensaio-diálogo tem como propósito a reflexão crítica-poética sobre as práticas e angústias do cotidiano.

Para nós a poesia não é luxo, é o meio pelo qual sobrevivemos (LORDE, 2017). Quebrar a tradição do silêncio e a complacência tem sido uma ação importante e necessária para a manutenção da vida, ganhando formas e potencializando o ato de compartilhar essa prática com nossas mais velhas e entre nós duas, jovens estudantes de graduação que foram para longe de suas raízes originais e aqui estão, ocupando espaços, expandindo, criando e entrelaçando nossas raízes: “as possibilidades são inúmeras, uma vez que tenhamos decidido agir, em vez de apenas reagir” (ANZALDÚA, 2005, p. 706).

Nós nos organizamos, nos encontramos e percebemos a necessidade de fazermos esta escrita que é exercício, é ensaio, é aprendizagem, intervenção coletiva de duas mulheres que ocupam corpos distintos e que fogem à normatividade esperada pela sociedade na qual residimos. “No nosso processo de resistência coletiva é tão importante atender as necessidades emocionais quanto materiais” (hooks, 2010). Por isso, temos que escrever, temos que dialogar, conversar, afiar nossos próprios artefatos teóricos, carregados das nossas vivências, que questionam e intervêm nessa realidade peculiar do monólogo vertical (PELÚCIO, 2012; SPIVAK, 2010).

Pensar em uma escrita da intimidade seguindo o sentido de Maria Lugones é ver intimidade com olhos de uma vida tecida por pessoas que não atuam como representativas ou autoridades; é a escrevivência com as pessoas pelas quais não aprendemos a escutar; é dar atenção para os gestos, cheiros, os movimentos das mãos trêmulas que tecem o cotidiano, que alimentam o bucho, que cultivam velhas formas de resistir às crises da vida (LUGONES, 2014; EVARISTO, 2005). Nossas mais velhas, as

mulheres sábias, simbolizam essa resistência: “nunca subestime a resistência da velha sábia” (ESTÉS, 2007, p. 18).

*Escolhemos uma à outra
e as fronteiras das batalhas de cada uma
a guerra é a mesma
se perdermos
um dia o sangue das mulheres coagulará
sobre um planeta morto
se vencermos
não há como saber
procuramos além da história
por um encontro mais novo e mais possível.*

(LORDE, 2019, p. 155).

O *locus* fraturado é o corpo que se rebela e se reivindica enquanto ser bicho gente, que busca, a partir da quebra e desvios da normatividade cishétero, branca, masculina e burguesa, uma consciência múltipla. A partir das fraturas, os muros se quebram, novas fronteiras são estabelecidas na intimidade do habitar-se a si mesma e do construir de dentro para fora coletivamente (LUGONES, 2014). Os processos de reinvenção de nós demanda remontagem do que um dia foi fragmentado, descolonizando os pensamentos e ações para si e para com o mundo que também estão rompendo com “a dicotomia hierárquica que constitui a subjetificação das pessoas colonizadas” (RIBEIRO, 2017).

UMA PERSPECTIVA DE CURA EM MEIO AO CAOS

bibi - Dentro de mim habitam várias, as que vieram antes de eu pensar em existir, as que passaram por mim e deixaram fragmentos de si e as que ainda estão comigo. Dentro de mim, tem a Gabrielle, a Bibi, a Gabi, a Bibs, a Bibizinha, a Gabrielle Reis e várias outras faces fragmentadas do que eu represento ao mundo e do que eu sou para mim mesma. Tenho minhas raízes formadas nas Minas Gerais, sou neta das indígenas locais, com uma ancestralidade fundada em continuar a resistir, dia após dia, evidenciando ao universo minha força e teimosia em não me calar para a opressão.

bella - Sou como linha de bordar, linha que contém em si outras linhas, entrelaçadas pelos atritos circulares da vida. Bella é a linha que decide costurar as mulheres diversas, evocando não um indivíduo que diz apenas sobre si, mas um corpo coletivo, sujeita coletiva, que enuncia a voz de um movimento que tece a vida com mãos trêmulas e fortes. Também sou de Minas Gerais, filha e neta de nordestinas e sapatão. Sigo aprendendo a arte e a artesanaria do cotidiano, revivendo o ofício das avós de costurar tecidos, tramas e narrativas.

bibi - Em uma tentativa de organizar as ideias na minha mente e passar a este papel virtual minhas reflexões, eu começo a partir do que eu sinto agora em relação a tudo que estamos vivenciando desde o início de 2020. A todos os refúgios de que eu saí em busca, em uma perspectiva de continuar a sobreviver, porque viver tá difícil e, como sabemos, sobreviver não é viver. Os sentimentos são sempre de desespero. Se alguém pergunta: e aí? Tudo bem? Eu já não respondo que estou bem; não estou, ninguém está, não tem como ignorar nossa realidade.

Estamos vivendo o que hoje percebemos ser uma pandemia, mas que no início de 2020 era só um recesso de três semanas da universidade, que, confesso, não achei de todo ruim. Todavia, três semanas viraram um mês, até se tornar um tempo indeterminado, e seguimos dentro desse tempo indeterminado em uma crise constante. Esse confinamento

em nossas casas por causa do vírus provoca em nós uma intensificação das coisas que sentimos: não sentimos raiva, sentimos muita raiva, muito medo, muita tristeza. A ansiedade tem se tornado palpável de tão real e presente que ela está no nosso cotidiano.

bella: Sento para escrever com raiva, muita raiva, ela aqui se transforma. Não se preocupe, bibi, a raiva não está entre nós: ela é o que me faz permanecer sentada, ela é instrumento nessa jornada, inquietação de dedos.

No início da pandemia, o distanciamento foi tomado como providência para diminuição da circulação do covid-19. Estou em Pelotas, extremo sul no Rio Grande do Sul, onde sou estudante de graduação, minhas familiares são nordestinas e algumas estão no sudeste, o que significa que ando cultivando uma outra espécie de saudade. Digo isso em especial, por não poder compartilhar as dores do luto; não há espaço para o consolo, abraço, aperto, o encontro na dor; a dororidade é virtual e conta com ouvidos atentos e palavras amorosas para com as amigas e família que perderam pessoas queridas (PIEIDADE, 2017).

Os encontros acontecem todas as vezes por vídeo-chamada. As aulas, palestras, os trabalhos também, o que agrega novas funções e dependências dos instrumentos digitais. O esgotamento e o excesso de trabalho ampliam os sentimentos de distância, solidão, ansiedade. Como não sucumbir à lógica produtivista e alienante? Como utilizar os instrumentos digitais sem ser engolida pelo desejo da vida de bem? Como continuar a intervir na cidade durante o distanciamento? Como ocupar espaços durante uma pandemia? Há necessidades pulsantes em criar novas redes e outras costuras da intimidade da vida cotidiana a partir do *locus* fraturado.

bibi - É, bella, estávamos acostumadas a viver uma rotina exaustivamente preenchida, todos os horários ocupados por aulas, reuniões, estágio, e os pequenos, porém, belos momentos de descanso e lazer. Vivíamos em uma correria sem fim, uma luta contra o tempo, 24 horas sempre pareceram pouco para a rotina que carregávamos. Mas vem um dia, um vírus e pronto, precisamos parar tudo. Mas o mundo não pode parar, eles disseram, contudo, o mundo parou (KRENAK, 2020).

Nossos mundos individuais pararam, nosso universo coletivo foi bloqueado, experienciamos o distanciamento social, cada qual com seus tormentos internos e ainda o caos externo por conta do vírus covid-19 e o vírus presidencial.

Nós nos entregamos às redes on-line como uma forma de refúgio e possível “solução” à distância de outros corpos que amamos, entretanto, as redes se tornam uma derrota no dia a dia: se desse para espremer a internet sairia sangue dela. Mais de 500 mil mortes assombram este país. Há mais de 500 mil nomes que não foram falados, que não foram gritados, que não foram velados. Parece que essas pessoas já nasceram mortas.

bella: Tenho uma escrita no caderno: “hoje chegamos a 5 mil mortes e eu não sei o quê isso significa”. Apesar de já ter se passado um ano dessa escrita, continuo a não conseguir imaginar o que são 500 mil mortos, como chegamos na última semana. Mortos sem cara, sem narrativa, apenas números nos apresentam as manchetes do jornal. De certa maneira já conhecíamos esse vírus, ou melhor, como a estrutura funciona de forma que algumas pessoas podem morrer, ditando uma soberania do “brasil acima de tudo, deus acima de todos.” (MBEMBE, 2016). E eu me inquieto, que brasil? acima de tudo o quê? todos quem? E o que me leva a escrever? O que me faz sentar na cadeira e passar horas e horas sentada olhando uma tela, mesmo cansada? mesmo sabendo que uma subalterna não pode falar porque não pode ser ouvida? (SPIVAK, 2010)

A teorização pode ser um instrumento de compreensão da situacionalidade sócio-histórica que nos permite banhar nas experiências, nos tornando responsáveis pelo que aprendemos a ver, perceber e respeitar com o mergulho (hooks, 2017; HARAWAY, 2006). Dar nome às experiências tem sido uma maneira de atravessar e continuar a vida. A

escrita é importante companheira no caminho de nomear e vocalizar as vivências, grafando nossas escrevivências com Conceição Evaristo (2005). Para Rita Segato (2018), as autoras são doadoras de palavras, pois nomeiam as vivências, abrindo espaços para novas maneiras de se fazer e refazer no mundo, carregando inquietações com as injustiças e a responsabilidade do saber da experiência. Escrevo então para manter viva a inquietação que reside em meu peito, para que algo permaneça insistentemente vivo e pulsante, para entender o que acontece comigo e meu local.

bibi - Em uma tentativa de buscar fugir da nossa realidade, eu me deparo sem forças para leituras intensas e programas de televisão. Mas o que fazer então durante todos os dias dentro da mesma casa, escondida no mesmo quarto? Como digerir tanta raiva correndo nas minhas veias? Como seguir resistindo em meio a tantas mortes e a tanta crueldade? Porque não estamos enfrentando uma pandemia; estamos enfrentando uma pandemia com um governo genocida, que brinca de vivo-morto com a humanidade, se é que ainda somos uma humanidade (KRENAK, 2020).

E em um dos meus dias de crise, eu me pego olhando pela janela do meu quarto, do qual eu nunca saía, e vejo minha avó Ruth, mexendo e remexendo na terra, colhendo e plantando novamente. Minha avó é uma representação simbólica e profunda de uma mulher sábia, carregada de coragem, amor, aprendizado, fracassos, decisões e sabedoria. Ela é uma mulher que inspira, me inspira e me faz perceber a importância de olhar para trás, de enxergar a nossa ancestralidade, e, no meu caso, de poder conversar diretamente com essa ancestralidade carregada de experiências doces, amargas e azedas (ESTÉS, 2007; HARTEMANN; MORAES, 2019).

Eu sentei com minha avó no quintal, na varanda, na cozinha, no jardim; conversamos sobre o céu, sobre o tempo, sobre a vida dela, sobre a vida das que vieram antes dela, do racismo que ela enfrentou e enfrenta por ser uma mulher preta; ela me ensinou sobre os rituais de curas, recursos da cura, curas pelas plantas, pelas benzas, pela energia, pela terra, pela conexão com forças que eu ainda não sei explicar. Eu me apeguei, me agarrei a esses aprendizados para conseguir viver um dia de cada vez em meio ao caos que nos aguarda todas as manhãs.

Eu sentei, ouvi e escutei o que ela tinha a dizer, tomei posse das dores que ela carrega em seu corpo vivido e fraturado, e juntas remontamos os cacos que nos representam, colando pedaços meus nela e pedaços dela em mim, pois habitamos uma na outra. Eu passo a guardar minha avó dentro de mim quando chego para ela e a peço para me ensinar: me ensine a viver, me ensine a ser forte como você, me ensine a curar com as mãos; e ela me ensina, ela me orienta com amor e rigidez de uma sábia mulher que só passa seus conhecimentos a quem tem interesse e respeito em adquiri-los.

bella: Em janeiro de 2020, você compartilhou comigo o livro “Ciranda das Mulheres Sábias” de Clarissa Pinkola Estés e foi um presságio da nossa incipiente necessidade de voltar a nossas “véias” para achar os sentidos de presente e futuro. No início do ano de 2020, passei algumas semanas com minha avó em Belo Horizonte. Dagmar é uma senhora de 73 anos, artista e artesã, não branca, nordestina e aprendeu com sua mãe Enedina o ofício de costureira, que hoje me ensina à distância. Além do trabalho formal, também fazia remendos, recostura e transformações das roupas dos moradores do prédio onde ela morava no último andar, junto da maquinaria de velho elevador. Desde de pequena a artesanania tecia seu cotidiano. Crescida com mais 12 irmãs e irmãos em chão de terra no sul da Bahia, ela me diz que elas se criavam. Quem cuidou dela foram as irmãs e depois ela cuidou das irmãs e irmãos e me diz que ainda é assim... Vira e mexe, pergunto coisas a ela que de início não lembra ou fica na dúvida; ela me diz pra segurar a pergunta e leva para seus irmãos e depois me conta. Durante a pandemia ela perdeu dois queridos e amados irmãos de covid-19, Aurelino e Beumiro, também seu ex-marido Antônio, meu

avô, há anos eles não viviam juntos, mas sua morte traz à tona vários sentimentos ainda não processados em palavras. Sabe de uma coisa, bibi?! Ouvi mais histórias sobre meu avô agora que ele morreu sem enterro, as lembranças que tenho dele também estão mais vívidas. A dororidade, o encontro na dor coletiva, tem sido também uma forma de ponte de relação com minha avó, no compartilhar de lembranças vamos tratando as feridas e mantendo vivos o espírito de revolta.

“um dia na hora do almoço, o vó antônio catingueira buscou na geladeira um pote cheio de pimentas, escolheu algumas e colocou no prato, cortou elas bem picadinhas e se levantou, não entendo que ele tá fazendo e por não entender guio com olhos atentas cada passo lento do vó forte. ele volta com feijão no prato, coloca farinha de mandioca e escalda com a destreza de quem faz isso todos os dias. acrescenta arroz, carne cozida, salada e molho de pimenta por cima de toda a comida. lembro que ele já tinha coloca pimenta fresca no feijão e me espanto... ele leva a colher à boca e mastiga se deliciando como se fosse uma manga doce. ali eu percebi, a vida ardia dentro dele.”

memória de infância de quando conheci meu avô.

Chega às minhas mãos por outras mãos de velha uma máquina de costura do século XX de pedal. Vó Dag passa a me ajudar com mais frequência por vídeo chamada a me alinhar à máquina e a ela, me costurando com suas histórias, vivências e aprendizagens técnicas e de resistência. No enfadonho ato de tentar me alinhar à máquina, cada vez mais assuntos brotavam da tentativa; trocamos receitas e experiências com feitiços, chás, comidas, formas de plantar e cuidar das plantas, insônias e autocríticas. Quanto mais a gente se ligava pra falar sobre dúvidas e erros com relação a máquina mais a gente falava sobre os nossos corpos e nossas trajetórias. A costura, assim, extrapola a técnica e se transforma no habitar da habilidade, habitar a intimidade, instrumento de retomada de histórias, pessoas, coisas, trajetórias, etc (INGOLD, 2020; HARTEMANN; MORAES, 2019). O alinhamento é uma presença insistente das coisas, das pessoas e das narrativas.

bibi - Colocar a mão na terra, colher e plantar ajudou a acalmar os meus neurônios nervosos. Mexer em cada gaveta e armário com as antiguidades também funcionou por um tempo, juntar e remontar os cacos de coisas quebradas guardadas no fundo de um guarda-roupa velho me serviu de válvula de escape; lidar com essas coisas, e aqui trago coisas e não objetos, porque as coisas acontecem e se entrelaçam (INGOLD, 2012), me auxiliou a não surtar. Minha avó vez ou outra me arrumava umas coisas velhas para remontar, eu obviamente me colava naqueles potes e vasilhas, pois, como elas, eu estava em cacos; ainda estou, só que agora em cacos maiores.

“Parece um looping do tempo ao reverberar questões de para quê e para quem a arqueologia pode estar à serviço” (AKINRULI; AKINRULI, 2020, p. 230). Estamos vivenciando o Antropoceno, uma nova era geológica marcada por ações humanas; humanos... humans... humains... umani... Mas “ninguém mais presta atenção no verdadeiro sentido do que é ser humano” (KRENAK, 2020, p. 6). Crescemos, viramos adultos e devastamos o planeta, o destruímos cada dia mais; nossos oceanos têm mais plástico que água, os animais pedem socorro, somos um risco para eles, 1/3 da Terra é pasto ou monocultura, vai tudo virar deserto (LUCIANO, 2020). Levamos uma vida altamente suicida, sem empatia, naturalizamos a ideia de poucos com muito e muitos com nada, de forma que criamos uma sub-humanidade que vive na miséria sem chance de sair dela (KRENAK, 2020). Eles partem do princípio de que todos são iguais, mas sinto informar que alguns são mais iguais que outros (ORWELL, 1982), e o poder nas mãos desses alguns é letal, pois escolhem quem morre e quem vive; bala perdida uma ova, necropolítica (MBEMBE, 2016).

Parece que estamos em um looping do tempo, com os passados, presentes e futuros entrelaçados (HARRISON, 2019; AKINRULI; AKINRULI, 2020); assistimos a história se repetindo. Epidemia? Na invasão em 1500, milhares de mundos se foram, os homens brancos que saíram da Europa desceram na praia tropical e seus rastros foram de morte, uma guerra como a que estamos vivendo hoje (KRENAK, 2019). O povo elegeu um fascista mais uma vez. A gente já não viu isso acontecer? E com isso veio a tentativa de censura, silenciamento e morte de vários corpos, pois sabemos bem para quem são destinadas as balas “perdidas”, e não são para os corpos masculinos, brancos, cis-héteros, cristãos e burgueses dessa sociedade hipócrita à qual tentamos sobreviver. Mortes justificadas em nome de um deus? Temos também. Parece até a idade das trevas parte II. A arqueologia está entrelaçada nesse looping temporal, controlando esses passados enquanto controla e constrói os possíveis futuros, ao mesmo tempo controlando o presente a partir das interpretações e reflexões do passado que é moldado e está em suas mãos (ORWELL, 2005; HARRISON, 2011).

bella: O fazer antropológico e arqueológico passa por reaprender a experienciar a vida a partir da relação com o outro. Nesse processo o questionamento dos mais cômodos dos hábitos é o estranhamento necessário para se atentar ao ambiente, mapeando no diário de campo os passos de aprendizagem das intimidades do cotidiano. A disposição ao diálogo, em especial o ouvir, são as formas da antropóloga-arqueóloga de alongar as relações, dando assim continuidade. A escrita e a construção narrativa são elementos chave para o entendimento das relações. É o lugar em que podemos adentrar nas reflexões críticas na companhia de outras escritoras e nos atentar; é também uma maneira de continuar as relações e as histórias brotadas dentro dessas práticas, dando-lhes uma vida circulante. Tentando explicar pra minha avó Dag o que é antropologia e qual é o meu trabalho, ela diz:

- Ahhh, acho que intindi o que cê faz, pega histórias lá do fundo do baú né?! E conta elas.

INCONCLUSÕES

Este ensaio é uma tentativa de construção de práticas encarnadas e rotineiras em busca de uma antropologia e arqueologia menos violenta, mais amorosa e dialógica. Para que não percam seus sentidos no processo de chegada a outro entendimento sobre os corpos, as materialidades e as narrativas. Encerramos este ensaio com vontade de mergulhar mais fundo, procurar por mais perguntas e respostas. As fronteiras de cada uma evoca vozes e demandas múltiplas e específicas. Estamos em movimento contínuo de procurar e juntar nossos caquinhos na perspectiva de colá-los e recontá-los com as teorias feministas e descoloniais, que nos permitem ver e nos rever como seres de nós, seres coletivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKINRULI, Luana Carla M. C.; AKINRULI, Samuel A. Antropoceno, Arqueologia e Memória Social: A Pandemia de COVID-19 como evento crítico. *Tessituras*, (8): 1, 227-236, 2020.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista de Estudos Feministas*, v. 8, n. 1, 2000.
- ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza /Rumo a uma nova conciencia. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, V.13, n. 3. p. 704-719, 2005.

- BONILLA, Vanessa; FUENTES, Nua; GÓMEZ, Sinchi, HIDALGO, Kruskaya; RAMÍREZ, Sara; SANTILLANA, Alejandra. Diálogo em sete vozes sobre a luta pelo aborto livre no Equador. *Revista Amazonas*, [17 nov. 2018](https://www.revistaamazonas.com/2018/11/17/dialogo-en-siete-vozes-sobre-la-lucha-por-el-aborto-libre-en-ecuador/#ancla1). Disponível em: <https://www.revistaamazonas.com/2018/11/17/dialogo-en-siete-vozes-sobre-la-lucha-por-el-aborto-libre-en-ecuador/#ancla1>
- ESTÊS, Clarissa Pinkola. *A ciranda das mulheres sábias: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem*. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- EVARISTO, Conceição. *Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face*. Nadilza Martins de Barros Moreira & Liane Schneider (orgs), João Pessoa, UFPB, Idéia/Editora Universitária, 2005.
- FREIRE, Paulo (1921-1997) *Pedagogia do oprimido* [recurso eletrônico] / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2013.
- GOMES, Denise M. C. História da Arqueologia Amazônica no Museu Nacional: diferentes narrativas. *Revista de Arqueologia*, v. 33, n. 1, p. 03-27, 25 abr. 2020.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- HARRISON, Rodney. Arqueologias de futuros e presentes emergentes. *Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 12, p. 83-104, 2019.
- HARRISON, Rodney. 2011. Surface assemblages. Towards an archaeology in and of the present. *Archaeological Dialogues*, vol. 18 (2): 141-196.
- HARTEMANN, Gabby; MORAES, Irislaine P. Contar Histórias E Caminhar Com Ancestrais: Por Perspectivas Afrocentradas E Decoloniais Na Arqueologia. *Vestígios Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 12, p. 09-34, 2019.
- hooks, bell (1994) *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade*; tradução Marcelo Brandão Cipolla. -2 edições- São Paulo, SP: Editora WM Martins Fontes, 2017.
- hooks, bell. *Vivendo de amor*. Tradução de Maísa Mendonça. Portal Geledés. 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>.
- hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução Ana Luíza Libânio. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- INGOLD, Tim. *Antropologia e/como educação*. tradução Vitor Emanuel Santos Lima, Leonardo Rangel dos Reis. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- INGOLD, Tim. Trazendo as Coisas de Volta à Vida. *Horizontes Antropológicos*, (18): 37, 25-44, 2012.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Cia das Letras, 2020.
- LORDE, Audre. *Irmã Outsider*; tradução Stephanie Borges. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2019.
- LUCIANO, Fernando F. Antropologia em Tempos Incertos: viver no Antropoceno. *Caderno de Ciências Sociais da UFRPE*, (9): 16, 60-83, 2020.

- LUGONES, Maria. Rumo ao feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, v.22, n.2, p. 935-952, 19 set. 2019.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte e ensaios*, v. 2, n. 32, p. 123-151, 23 mar. 2017.
- ORWELL, George. A Revolução dos Bichos. Tradução de Heitor Ferreira. 14 ed. Porto Alegre: Globo, 1982. 136p.
- ORWELL, George. 1984. 29ª ed. São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional, 2005.
- PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 2, n. 2, p. 395-418, 2012.
- PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.
- RIBEIRO, Loredana. Crítica feminista, Arqueologia e Descolonialidade: Sobre resistir na ciência. *Revista de Arqueologia*, v.30, n.1, 2017.
- SEGATO, Rita. *Contra-Pedagogías de la crueldad*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.
- SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.